

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RUAN LUIZ DA ROSA

Uma casa de fragmentos

Porto Alegre

2021

RUAN LUIZ DA ROSA

Uma casa de fragmentos

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2021

Nome: Ruan Luiz da Rosa
Título: Uma casa de fragmentos

Uma casa de fragmentos

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicólogo.

Banca Examinadora

Mirela de Cintra

Psicóloga
Coordenadora dos Abrigos Residenciais Sabiá 07 e 08
FASC/PMPA

AGRADECIMENTOS

Ao professor Luis Artur Costa, pela paciência e generosidade com que acompanhou este processo.

À Mirela, por aceitar comentar este trabalho, por escutar meus silêncios e suspiros e por tantas outras coisas, que não cabem em uma página de agradecimentos.

Ao Raul e ao Thiago, pela parceria e por me mostrarem um modo de fazer e pensar a psicologia que muito me marcou.

Ao Leonardo, pela atenção e pelas questões que colocou a este trabalho.

À toda a equipe do AR07, por me ensinar a me movimentar no rebuliço cotidiano.

À Raquel, pelo amor e por nossos retiros espirituais.

À casa, que me acolheu e escutou.

Às crianças.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo expressar, através da escrita, os afetos de uma escuta. Essa escuta tem como ponto de partida a experiência de estágio em um Abrigo Residencial da rede de acolhimento infantil do município de Porto Alegre. Buscou-se a ficção e a poética como estratégias metodológicas, permitindo, assim, fragmentações e inacabamentos textuais, expressões e especulações. Ao longo do texto, busca-se refletir acerca das vivências e experiências nos espaços institucionais de acolhimento, vinculados à política pública de assistência social, assim como as instituições que os atravessam, como moradia, cuidado, infância e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Escuta; ficção; infância; moradia; acolhimento; SUAS.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. Escuta e Ficção..... | 8 |
| 2. Casa-narrativa..... | 10 |
| 3. Às crianças que passaram por sabiá sete..... | 17 |
| 4. Um começo..... | 39 |
| 5. Referências Bibliográficas..... | 41 |

*Aqui, de onde o olho mira
Agora, que o ouvido escuta
O tempo que a voz não fala
Mas o coração tributa*

Gilberto Gil

1. Escuta e Ficção

A escolha de um caminho ficcional de pesquisa para este trabalho convida a uma inquietação sobre o que se deseja expressar. A insistência de imprecisões no processo se lança e se condensa na seguinte interrogação: como escrever os afetos de uma escuta?

Escutar ocupa uma posição central no fazer psicológico. Ver, tocar, cheirar são faculdades do sentir que parecem ficar aquém do ato de escutar o outro e seu sofrimento. A escuta se lança à atenção diante dos gestos, dos movimentos, dos modos com que um sujeito produz sentido no mundo, do desenrolar das relações que entrava. Ela parece envolver essa capacidade de abertura, a qual Roland Barthes aponta como uma decifração do outro, de seus signos, do espaço intersubjetivo que estabelece no mundo através de suas relações. Escuto significa: escuta-me¹. Os afetos, as ânsias, as moções implicadas na escuta engendram justamente o campo afetivo da relação de alteridade. Convocam a uma posição a se definir diante do outro para a constituição de um espaço em comum, de uma territorialidade. Assim, surge a questão: como transferir para a escrita este campo afetivo? Os excessos, as nebulosidades, o caos da escuta nos momentos mais vulneráveis das relações invocaram neste processo uma escrita proscrita dos moldes acadêmicos e hegemônicos, a fim de não desamparar a expressão de seus afetos. Procurou-se por uma escrita que desse vazão à poética e à ficção, mirando sua capacidade criativa e transfigurativa do mundo². A poética e a ficção tensionam o sentido comum das coisas afastadas dos afetos singulares e particulares. Pode-se dizer que elas tentam, em um esforço de imaginação, acompanhar os movimentos, as mudanças de alma presentes nas relações, a fim de intuir seus estados, suas nuances interiores³.

Juan José Saer propõe, em seu ensaio *O conceito de ficção* (1997), que no constante fiar e desfiar do texto, em seu fazer declaradamente ficcional, se pode procurar e tensionar perspectivas a fim de avançar diante do que se deseja expressar. A relação de confluência com o insólito e o invisível a que se propõe a ficção se confronta com as possibilidades existentes em expressar uma experiência de mundo. Considerar as incertezas da experiência e

¹ Em seu texto “A Escuta”, Barthes nos mostra o ato de escutar como decifração do outro e do espaço intersubjetivo.

² Em “Mundo desfeito e refeito”, Antonio Cândido elabora questões a respeito dessa capacidade de transfigurar o mundo, que parece ser um traço da poética.

³ Henri Bergson afirma o valor da intuição, em detrimento da análise, em “O Pensamento e o Movente”, cap. 6.

incorporá-las à narrativa se alinha com uma postura ética, em uma busca de uma relação menos rudimentar com a verdade⁴, em um desdobramento da verdade como invenção⁵. A narrativa ficcional se configura como um modo possível de expressão na produção de conhecimento por possuir como horizonte ético tensionar o que é dado como verdade ou falsidade em determinado discurso - em questionar sua pretensa equação com a realidade. Procurando a consistência da experiência em seus aspectos inverossímeis, seus excessos, suas opacidades, o uso da ficção como um método de pesquisa engendra uma narrativa de possibilidades e problemáticas incipientes, turvas. O enlace entre o sensível e o inteligível, a delimitação dos lugares narrativos, a construção de personagens com suas jornadas e trajetórias compõem narrativas que possibilitam uma postura crítica das estereotípias das maneiras de se sentir. Permitem contrapontos, tensionamentos, contra narrativas desses modos de sentir.

Escrever as afetações de uma escuta talvez esteja mais próximo da expressão do que do entendimento. Infância, moradia, cuidado e vulnerabilidade são alguns dos afetos que atravessam este trabalho. Procurou-se, através da ficção, expressar seus matizes e tensionar seus entendimentos usuais.

⁴ Saer tensiona a oposição entre ‘verdade’ e ‘ficção’ em seu ensaio, apontando: ‘...podemos por lo tanto afirmar que la verdad no es necesariamente lo contrario de la ficción, y que cuando optamos por la práctica de la ficción no lo hacemos con el propósito turbio de tergiversar la verdad. En cuanto a la dependencia jerárquica entre verdad y ficción... es desde luego... una mera fantasía moral.’

⁵ Em uma das maneiras de seguir os caminhos de Rayuela, Julio Cortázar nos revela suas inquietações a respeito da escrita e do mundo, e uma delas nos é muito preciosa: “¿Pero de qué nos sirve la verdad que tranquiliza al propietario honesto? Nuestra verdad posible tiene que ser invención, es decir escritura, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas las turas de este mundo. Los valores, turas, la santidad, una tura, la sociedad, una tura, el amor, pura tura, la belleza, tura de turas...” (p. 443)

2. Casa-narrativa

Ela estava com os olhos fatigados. O barro e os espinhos presos à sola dos pés amofinavam seus passos. Desorientada, enfrentava o ermo de uma estrada de chão, fria e recém encharcada pela chuva, no interior da Colônia de Caxias. Não havia um destino consigo, porém as árvores esparsas em seus olhos desenhavam um caminho. Olhava o campo e a pequena sanga formada a alguns metros refletia um arbusto pálido preso à terra. Um olho triste para o céu. Os traços de Cândida, chamados bugres pelos outros, de quem pouco distinguia as feições, se desmanchavam neste olho. As marcas de corrente nos tornozelos e as cicatrizes feitas à facção na cabeça doíam, como se houvessem se alojado em seu corpo no dia anterior. Mas eram muito antigas. Um rosário, enrolado em seu punho banhado de suor, murmurava uma reza em silêncio. Ganhara-o de irmã Imilda, ainda no orfanato. Ela havia fugido da casa de sua família adotiva em um gesto de desespero e a fuga inoculou-se em seu corpo, fazendo com que esquecesse mãe, casa, nome - o eco e o oco de sua família. Mas ela tampouco entrevia o sentido deste eco, surdo, ao redor de si.

Fugir de casa tornou-se necessidade quando, em um ato incompreendido de menina, rasgou as fotos de muitas gerações da família adotiva. Espalhadas em pedaços indiscerníveis no chão de madeira, as velhas fotografias se tornaram um quebra-cabeças insolúvel. Pedacos de paisagem, rostos e comemorações expunham o quanto de solidão imprimia-se em seus contornos, seus olhos, sua pele. Por mais que os tentasse reconstruir, encaixar, remendar, eram traços de lembranças que não eram suas e não havia fio que as ligasse. Quando descoberta, aconteceu apenas o esperado: a surra, que a preencheu de culpa e raiva. Quando fugiu, um desastre: as farpas do arame que cercava o terreno enlearam-se em seu corpo e ela despencou com os poucos cacos de imagem carregados consigo. A queda do cercado apagou os detalhes de sua curta vida até então. Quando levantou, o esquecimento a havia inundado, mantendo guardados apenas abstrusos cavalos, pastando em um pago profundo e pardacento. Em seu pensamento, um homem corpulento, vestido de branco e com feições ferais, segura um maneador e a observa de cima, distante. Em seguida, desaparece, retornando ao rio revoltado do esquecimento. Restam os cavalos impassíveis no estábulo, ruminando a terra de suas mágoas. Tranquilas e estilhaçadas em seu pensamento, as imagens cobriam-na de lágrimas e de um sentimento de profunda incompreensão de si mesma e do lugar onde vagava como uma sombra estrangeira. Sozinha, indagava ao silente movimento da estrada:

- Onde encontro minha casa? - O vento nada lhe respondia.

O vazio emudecido do caminho cobria os murmúrios do território em que pisava. O silêncio, diáfano e sincero, estremecia Cândida em sua expressão de pedra, esculpida pela violência das intempéries. Algo de seco em sua vida recrudescia na cadência dos passos e nas experiências enfrentadas e fraturadas. Não a conduziam à superfície maleável das imagens, mas permaneciam em estado bruto, como em uma camada subterrânea, lapidando rugas entristecidas nas bifurcações de sua pele, em seus pensamentos e desejos. Esses vincos, percebidos no olhar das mãos espalmadas e no salpicar dos pés no chão, faziam-na sentir-se como as cascas arrefecidas dos troncos à beira da estrada.

A planície distendia-se em aparência e os planos no horizonte eram concisos: o verde chumbo do campo retilíneo alastrava-se ao infinito, sobreposto pelo céu lívido e acinzentado. A neblina formada àquela hora da manhã fazia com que esses planos se adensassem, entrelaçando-se na retina e produzindo o engano da mistura. O movimento vagaroso da bruma, como um fantasma transportando o peso da foice, mostrava-se por alguns momentos em um bloco estanque, que impedia o olhar e o ouvir através, dissolvendo luz e som. Essa paisagem refletia em seu movimento um manto rarefeito, tênue cobertor de frio ao corpo machucado. Cândida o sentia na pele como um afago e tornava seu interior cristalino, porém arrefecido, como o vidro de um lampião apagado. Algo, em si, verdadeiramente se apagava. Era deschama. Sua voz derruía dentro do pulmão e a fome crepitava em seu corpo, anunciando um adormecer em si mesma. Através desse horizonte indistinto, equilibrando-se em um frágil fio de vitalidade restante, cambaleou em profunda cegueira. O que a despertou do vagar sonâmbulo foi um canto longínquo, quase um pássaro, fazendo-a intuir a presença humana. Conforme avançava, a rede vaporosa da neblina revelava outras linhas do horizonte, onde se distinguiam os contornos e as curvaturas de uma melodia, contrastadas com a retidão de uma aparência crua, consistente porém porosa, esburacada, com seus nós e filamentos expostos. Cândida entrevia os detalhes de uma construção precária e acompanhava o agrupar-se e pontilhar-se das imagens, delineando uma morada, da qual emanava um emaranhado de sons que perfuravam a parede gris e abrasavam seu corpo. A neblina se desfazia e, entre as nuvens, era possível ver um tímido sol contemplando a umidade. Apesar do medo haver se constituído como um silente companheiro, sentia fome e sono, e isso foi suficiente para que fosse atrás da casa em ruínas.

Enquanto durava a aproximação, ela escutava, ao redor do casebre, o crocitar dos pássaros. O chão do que havia se revelado uma pequena toca de madeira velha rangia, sensível aos ouvidos. A porta estava aberta e, como uma presença imperceptível, Cândida tresvia o interior da casa. Teias de aranha, cupins, uma cama carcomida ao fundo do cômodo e um fogão à lenha, levantando em uma panela o cheiro da comida. Era apenas entrar. Mas não havia nela coragem de entrar nesta casa, neste tugúrio, no fim do mundo, a esta hora da manhã e depois de tantos ferimentos da vida. Inquieta, hesitou ao pé da porta. O canto e seu poder hipnotizador, tal como o flautim da antiga história, tal como o prestidigitador, havia desaparecido, mas a fome ainda lhe retorcia o estômago. Ao dar o primeiro passo em direção ao interior do bolorento casebre, revelou-se uma senhora que parecia ser tão velha quanto a construção e, com um graveto, mexia copiosamente uma panela de barro transbordante de polenta. Enquanto diluía os caroços aglutinados no preparo, esta senhora murmurava uma bela melodia, sem palavras. Era como se traçasse uma página em branco no ar e mostrasse à Cândida, ainda sem saber, a beleza de um vazio.

Entre espanto e familiaridade, a velha viu Cândida no vão da porta. Uma menina com olhos de andorinha, com os pés moldados pelo barro e mãos sujas, roçava as unhas umas nas outras, enquanto permanecia olhando o interior da casa. A velha, quando contemplou aquela pequena aparição, aquele pequeno pássaro da manhã, indicou-lhe um espaço no chão, para que pudesse se acomodar. Quando viu o rosário enrolado no punho da menina, formigou em seu estômago, em direção ao pulmão e ao coração, um afeto estranho, como um vaga-lume, uma luminescência. Ela estendeu sua única coberta sobre a menina. A amabilidade dos gestos da velha deixou o matiz da recepção cristalino para Cândida: era bem vinda. Ela sentou sobre as peças de madeira e as finas fendas que permitiam a neblina entrar. Aos poucos, o barro e a sujeira de seu corpo foram gentilmente levados pelo vento. Sem palavras, as duas conversavam em um dueto silencioso. Cândida se aconchegou ao redor do fogão à lenha e o afago das mãos enrugadas da senhora trouxe o calor do fogo que se avivou atrás dos tijolos. A menina esperava um punhado de polenta quando a senhora indicou amavelmente: feche a porta. Os poros da casa, todos, emanavam o calor do encontro. Foi quando a melodia cessou novamente.

Quando encontro este instante, o tempo se esconde, como uma tartaruga na carapaça, onde as imagens repousam exauridas. Cândida se dissolve diante de mim e não enxergo sua silhueta, sequer seu vulto desaparecer na neblina. Não consigo mais escrever, mas sinto: ela está na casa, à espera. Torna-se difícil decifrar a casa, ver seu interior, menina e velha

refletidas, porque ela caminha atrás de fotografias curtas e recortadas por desconhecidos, carcomidas por um tempo que me vira os olhos, quando procuro intuir sua terra.

Atravancada entre poeira e roupas velhas, encontrei uma caixa de sapatos, com pequenos álbuns de máquina fotográfica kodak. Guardavam, nos plásticos sujos, algumas imagens de meus avós. Quando criança, conheci apenas uma fotografia deles: meu avô e minha avó estavam abraçados, contemplando a câmera: ele com um bigode castanho espesso e relógio prata de pulso, ela com um casaco verde e cabelos grisalhos. Parecia-me um dia luminoso. Agora, contemplando essas fotos empoeiradas, abraça-me um afeto sinuoso, carente de uma experiência para se ancorar. Não conheci meu avô e de minha avó pude presenciar apenas um momento de transfiguração, antes do adeus. Olhá-los assim, nestas fotografias cinzentas, traz uma alegria: nunca pensei que pudessem não ter rugas. Quando olho os dois, Maria e Marino, pelos olhos que os viram naquele tempo, fico pensando em quais dias seus olhos foram sorridentes como esses da fotografia, escreventes do chão, das roupas puídas e das casas de madeira velha ao fundo. O semblante nos contornos de meu avô como se fosse feito de fumaça ou de nuvem e pudesse se desfazer em segundos. A lente da câmera testemunhava um tempo pobre em horas e talvez bruto em experiências. Porém ainda sim seguia seu curso e grafava, com mãos vacilantes, trêmulas, o sorriso do olhar daqueles dois jovens e pobres. Com mãos vacilantes, trêmulas, também seguro esta fotografia, e a duplicação daquele momento em meu olho, o afeto que povoa meu corpo enquanto sustento a imagem, mostra, de modo arredo, a força de um instante, a contração de seu encontro. Naqueles dias, o sustento do próprio corpo se constituiu como o tema de suas vidas. A fome, com sua boca imensa, devora quase tudo. Ao menos restaram estes poucos rastros, e neles o riso com o papagaio ciscando o bolo de aniversário de dois anos de minha tia-avó.

Roland Barthes, em *A Câmara Clara* (1997), reflete sobre os traços singulares das fotografias. Além dos traços componentes do contexto e dos aspectos que permitem um entendimento do conteúdo fotografado, há um traço variante conforme a singularidade do sujeito espectador. Detalhes, aspectos imperceptíveis a uma pessoa, podem ser a captura de outra - o despertar de suas feridas. Trata-se do encontro do sujeito com a imagem. O autor vê que, na intenção de seu registro, a fotografia fixa quem a olha em um ponto distinto. Assim parece seguir a mesma reflexão o cineasta Marcell Iványi, quando em seu curta, *Vento* (1996), pensa o movimento da imagem através da fixidez de uma antiga fotografia, em um mergulho no olhar das pessoas e da paisagem. Os pássaros, os movimentos do céu, as estacas, o pequeno vilarejo compõem o olhar do cineasta diante da imagem. São testemunhas de seu

encontro com a foto, do que há de singular em olhar e ser olhado. Desse modo, pergunto-me se, nestas velhas fotografias encontradas, nestas sandálias que parecem muito haver andado e visto, neste tempo em que ainda não existia eu, se inquieta este desejo de imaginar e escrever, este desejo de construção. A casa de minha família e meus avós não figura nas fotos e apenas repousa em nuvens virtuais no fundo das imagens. Carece de contornos para que eu possa vê-la novamente, encontrá-la em um outro tempo, para ao menos distinguir seus espaços.

Uma casa se define em suas portas, paredes, janelas, mas também nos buracos e rachaduras, na obstinação e fragilidade dos planos e linhas de sua construção (Deleuze, G; Guattari, F. 1992). Como um espaço de sustentação aos afetos, confere consistência aos contornos do corpo, que compõe com ela um espaço interior, onde se habita e existe, formando um círculo íntimo onde se guardam forças ainda sem circunscrição⁶. A criação deste espaço, entretanto, faz-se ver através de linhas trêmulas, testemunhas de um caos elementar da experiência humana.

Em oposição à rua, à estrada e à floresta, como aparecem em histórias infantis, a casa se configura como um lugar de encontro íntimo consigo. Local de esconderijos, como se vê muitas vezes em brincadeiras, de lugares secretos e protegidos - atrás de portas, embaixo de mesas - onde um sujeito se coloca nas reentrâncias e intenta não ser visto. Como em um espaço mágico, constitui suas expressões, suas defesas, seu arsenal de máscaras (Benjamin, 2010). Pode-se pensá-la como um signo que indica as condições de possibilidade que um sujeito dispõe para produzir sentido às suas experiências. São os pontos luminosos de uma cidade ao anoitecer, as lonas estendidas sob os viadutos, entre as praças. Pontos de referência indicadores de um campo ou um território sensível de uma singularidade - seus códigos e suas cifras, através dos quais se reconhece e é reconhecido, onde constitui com o outro e consigo um espaço intersubjetivo, um território: lugar de passagem constituído através de seus meios (Barthes, 2001). Trata-se de uma linha que liga um espaço ao outro, de matérias de expressão agrupadas a fim de delinear um contorno, uma forma. Lançando mão da etologia e da antropologia para pensar a formação de um espaço em que se habita, Deleuze e Guattari afirmam que o deslocamento e o repouso estão intimamente engendrados ao território. A formação de uma moradia acontece através do estabelecimento de ritmos, de retornos de signos diante dos quais pode ser esboçada. Neste sentido, uma casa também

⁶ A reflexão de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *O que é a filosofia?* (1992), lança mão da casa como figura de uma *territorialização* fundamental do sujeito. A casa compõe a experiência sensível na medida em que ela abriga, confere consistência às sensações. O corpo habita uma *zona de indiscernibilidade*, de caos, até ser moldado pela casa (p. 231 - 236).

abriga mobilidade, errância e acompanha com seu peso o construtor e passageiro, como a um caranguejo-eremita. Talvez seja nesse sentido que envolva a casa a noção de esquecimento. No passar das horas, nos constantes deslocamentos que a vida impõe a realizar, ela se torna companheira, servindo de resguardo e também se mostrando, nos mínimos gestos. Assim aponta Walter Benjamin, quando escreve acerca do esquecimento - ou abandono - que se realiza sobre a própria casa e seu irrompimento no cotidiano.

Esquecemos há muito tempo o ritual sob o qual foi edificada a casa de nossa vida. Quando, porém, ela está para ser assaltada e as bombas inimigas já a atingem, que extenuadas, extravagantes antiguidades elas não põem a nu ali nos fundamentos! Quanta coisa não foi enterrada e sacrificada sob fórmulas mágicas, que apavorante gabinete de raridades lá embaixo, onde, para o mais cotidiano, estão reservadas as valas mais profundas. (Benjamin, 2010)

As valas profundas sobre as quais uma casa é edificada parecem referir a todo o processo sedimentado sob sua construção. A casa, como um lugar de proteção, esconde sacrifícios em seus alicerces. Benjamin segue essa reflexão apontando o espaço doméstico composto como um casulo, no qual é possível realizar um corte diante do mundo. Ela pode ser lida, portanto, como negação das experiências que o mundo nos demanda e convoca, um adormecimento coletivo em um espaço de interioridade e recolhimento, como um lugar de cuidado e fragilidade - a valise onde se guardam as recordações. Ela se torna, assim, como uma superfície de registro, como a pele das recordações. A conexão entre a casa e o corpo mostra uma figura da constituição do que se pode chamar de 'Eu'. No entanto, este 'Eu' é o espaço expandido de um sujeito, o que permite a sobrevivência de suas imagens.

Em um belo conto, Julio Cortázar narra a perda dolorosa e gradual de um casal de irmãos da casa de sua infância. Esta casa, que pouco a pouco empurra seus habitantes para o mundo, é como um álbum de fotografias que faz persistir as recordações familiares e, ao mesmo tempo, isola os personagens em seu casulo.

Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga, guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância (...) passávamos bem, e pouco a pouco começamos a não pensar. Pode-se viver sem pensar (Cortázar, 1971).

Os ruídos e os rumores domésticos fecham as portas e as janelas, reduzindo o espaço dos seus moradores e inoculando um medo de habitar o local. Aos poucos, eles são despossuídos, até que não sobrem mais lugares na casa. Os cômodos, que abrigavam os livros, as fotografias, as linhas de crochê, a água do chimarrão, enfim, todos os signos que produziam ritmos e constância na casa foram sendo ceifados, impondo a eles o deslocamento - enfim, a mudança.

3. Às crianças que passaram por sabiá sete

Isaque olhava o horizonte com uma plenitude extenuante. As pálpebras embalsamavam os olhos em uma lentidão que poderia ser o anúncio de um desmaio. As mãos negras seguravam uma porção de bolachas farelentas, enquanto os dedos apontavam as nuvens, os rastros das formigas, os passantes. O semblante maduro compunha com seu rosto e corpo miúdos certa contradição intrigante. Isaque havia chorado por muito tempo após a partida de seu pai e, em um estado meditativo e de espanto, parecia ter em si, naqueles instantes, a plenitude eternamente calma dos abismos. No irrompimento das lágrimas, inclinava-se para trás, em arco, enrijecendo todo o corpo, era surdo a qualquer palavra, qualquer gesto que tentasse lhe arrancar de sua tristeza. Era como se recusasse a vida. Apenas um canto entoado por voz branca e adulta, que contava histórias de adeus, conseguiu lhe alcançar no lugar áspero em que vagava. Talvez essa voz estrangeira o alcançasse por ser, no momento, a única inclinada à escuta da solidão do menino, este pedaço de terra em solo alheio e hostil. Após o momento semelhante a uma queda infinita, o menino contou-me sua conclusão: ‘Minha casa tá longe’. Em mim, esta sentença ecoou por bastante tempo, indo e voltando, algumas vezes, em sua volta, trazia consigo lágrimas. O modo como Isaque havia dito, a sinceridade da entoação, dava àquela sentença simples uma profundidade abismal. Via-se nos seus olhos negros a distância dos mares e ele era um pequeno grão esquecido no rastro de uma diáspora. Muda-se de morada e se é moldado pela violência do estrangeiro, do lugar que é radicalmente outro e, ainda sim, chama-se casa. Depois de um longo silêncio, acompanhando de algumas mastigadas em suas bolachas envelhecidas, completou, no entanto com menos convicção: ‘Eu não vou mais voltar’. Entretanto, os olhos turvos de Isaque alumiam-se, de repente, como se tivesse recordado um instante de extrema felicidade. Levantou-se e chamou por sua irmã mais nova, Sara, e perguntou se poderiam brincar em frente à casa de acolhimento. Ali, brincaram por muito tempo, os dois apenas sobre a grama, e algo como um peso no espaço pareceu se dissipar, brevemente.

Kauã vagou, equilibrando seus três anos de idade pelo estreito corredor, até encontrar uma caixa de lápis coloridos. Alcancei-a para ele. Sustentou os lápis nas mãos com dificuldade. Afastei a mochila ao seu lado alguns centímetros para que pudesse desenhar. Ele avisou: ‘Cuidado com ela, tá? Não arrasta no chão, machuca’. De algum modo, a pequena mochila era uma extensão de seu corpo e, como uma bengala, oferecia sustentação e continuidade. Desenhou por alguns minutos, recusando os doces que, vez ou outra, lhe eram oferecidos. Eram traços dolorosamente negros sobre o papel branco. Ele viu a chuva na janela e chorou. Murmurou rastros de palavras e lágrimas sobre o papel. Olhou as fotos coladas nas paredes da sala: um passeio de ônibus com sua mãe, uma visita aos tios e momentos tristemente felizes. Com o passar do tempo, foi chegada a hora de enfim enfrentar o portão de entrada, divisor da área técnica e do pátio. Kauã conduziu-me com vagar, como se estivesse dentro do compasso de uma kora. Trocamos passos, recuamos, avançamos e circulamos em um estreito corredor. Os passos dessa dança seguiam também o ritmo dos passantes descontínuos atravancados no caminho. Quando Kauã encarou o pátio, a quadra de futebol vazia e o contraste da chuva com a ensurdecadora celebração de aniversários comoveram-no e quis voltar. Voltamos como se fizéssemos o caminho às avessas e desenhamos novamente. Repetimos a dança muitas vezes ao longo daquela tarde e seus ritmos cansaram um corpo extenuado, forçado a reiterar fraturas. Quando não reconhecia mais o começo de toda aquela dança despedaçante, quando o recolhimento da chuva nos presenteou com o silêncio, Kauã conseguiu completar a terrível travessia. Atônito, encontrou canto no colo de um menino negro e mais velho, negro como sua pele e a cor de sua mochila, como o desenho que esboçou sobre o papel. Depois daquele dia, recusou qualquer aproximação minha.

Ao entardecer, escoro-me em uma das paredes do pátio e vejo as perenes brincadeiras das crianças. Entre os movimentos das brincadeiras simultâneas, vejo Gabriel repousar aos pés de uma árvore, ao lado das casas. Vejo uma velha folha desprender-se de seu ramo: espera o derradeiro desfazer no encontro com o solo, aguarda sua pequena morte. Quando a folha despenca, o acolhimento da mão de gestos delicados de Gabriel, paciente espectador do movimento das árvores, a surpreende. De longe, o menino agora permanece estático no centro de uma praça e olha com ternura a folha esfacelada, que parece se recolher entre as linhas da palma de sua mão. Aquela desordem de traços e marcas sobre a pele traz, para a folhinha, um remanso. Gabriel não recorda há quanto tempo está aguardando sua mãe e consegue apenas perscrutá-la com os olhos morosos, do outro lado da praça deserta. Perdido entre árvores, carrega consigo o tênue frêmito de quem pouco sabe e sente o mundo inteiro dilatar-se dentro de si mesmo. Enquanto contempla, os poros e as veias quebradiças da pequena folha se misturam com o vento. Ele pensa no por que da necessidade da espera e da troca entre mãos nervosas e olhares hostis e submissos entre sua mãe e uma estranha presença, que não discerne ao longe. Enquanto espera, ele pensa nos gritos noturnos e no vício, palavra aprendida recentemente e com um significado incompreendido. Pensa em seu pai preso e desconhecido e enrola nervosamente a folha com os dedos, até ela se tornar apenas farelos sobre o chão. Sua mãe retorna e com a mão adicta envolve Gabriel, que sente de modo repentino um estremecimento e talvez até antecipe a triste separação, restando apenas o olho melancólico para os galhos tortos e para o vento. Esse olho, agudo e infantil, na fenda entre brincadeiras, não está na praça, mas na casa. Ele interrompe seu quebranto, desprende-se do tronco, fecha-se e adormece.

No retorno à casa, percorro os arredores do bairro Santo Antônio. Penso no amontoado de nomes e rostos da casa de acolhimento que, com o tempo, parecem confundir-se. Os cemitérios e crematórios da Avenida Oscar Pereira desenhavam a paisagem com suas árvores e túmulos, seus anjos e retratos envelhecidos. No horizonte, o sol declina, dá lugar a outras estrelas no firmamento. Hoje à tarde, havia sido recordado o aniversário de um menino, José. Os olhos marejados de uma educadora social disseram sentir pelo menino e logo pensei haver recordado o mesmo José, irmão de Jordão, seis anos de idade, os olhos negros e sorridentes que corriam nas madrugadas do bairro Bom Jesus. Entretanto, enquanto contada, outra história e outros traços eram desenhados. Falava do menino José de nove meses de idade, falecido por uma parada cardíaca nos primeiros dias de acolhimento. A tristeza por alguns instantes mostrou a face nos olhos da educadora social e vi que lá morava. Ele morreu seis vezes, contava. Uma série de paradas cardíacas até o momento em que seu coração não voltou a pulsar. Estava morto. A multiplicidade de olhos cabisbaixos na sala, porém, revelava alguns traços do pequeno, que havia realizado a travessia há um ano.

Penso na repetição dos nomes, na semelhança dos corpos e olhares, dos ditos, das brincadeiras. Meu pensamento não se ligou ao José referido e, porém, era como se algo os ligasse, como se a vida de um e a morte do outro houvessem se conectado, exaurindo suas imagens, seus desenhos e delimitações, formando outros, mais difíceis de figurar. Muitas vezes os traços de uma criança ou mesmo certa semelhança de estilo, de corporeidade, evocam outras crianças que passaram pelo abrigo e, com elas, seus destinos, mais ou menos trágicos. As misturas dos rostos, das histórias, dos afetos, dos nomes e sobrenomes se refletem e me fazem refletir que algo das crianças permanece, persiste. Em uma casa de passagem, não se passa inteiramente. Um pouco porque talvez não se tenha chegado inteiro, um pouco talvez porque seus traços são desenhados no caminho. Pensando nestas confusões, acelero o andamento do passo no retorno para casa e ligeiramente olho a sequência de túmulos que se ultrapassam, se repõem, se repetem e surgem sempre como algo novo diante da retina.

Um menino disse ao vento: ‘minha mãe morreu’. Alguém colheu esta frase, mas ninguém escutou um assassinato na madrugada do bairro em que morava. Aos poucos, o menino parou de brincar, silenciava os nomes e os gestos, murmurando uma aparência triste. A voz que o chamava insistia em esquecer seu nome, um eco.

Como se compõe uma casa. Através das paredes, das portas, das recordações. Através da decomposição da pintura e do reboco. Através do ruído de fora, do álbum de fotografias, do latido dos cães, do cheiro da comida caminhando na cozinha. Através do silêncio, da espera, da poeira e da terra. Através do relógio, do ritmo da rua, dos nomes. Uma casa se compõe no encontro consigo. Na atenção às necessidades e mudez do afeto dobrado em si mesmo. Um caramujo recolhido em seu corpo. Uma espiral. Mesa posta, cama arrumada, conversa ao redor do fogão. Por um minuto, a defesa contra o assombro do céu sereno, impassível, infinito. Penso que na casa experiencia-se de um modo intenso a solidão. Em um espaço construído de encontros, a solidão é mansa, perene, constante. Ao longo dos dias, esta solidão parece ser a única com contornos possíveis. Os afetos encadeados realçam alguma incomunicabilidade e o excesso de encontros, de passagens, confere cores, relevos e extensões a este realce. Se uma solidão é povoada de encontros, não seria por que ela se torna o fundo que acolhe o passageiro, o desenho do gesto de afeto? Assim, ela estaria na pequena mão que auxilia na arrumação das malas, no desviar de olhares da despedida, no aceno de um adeus, no colo que conduz o sono. Enfim, na casa, morada de permanentes passageiros.

A menina havia chegado em uma segunda-feira. Seu nome eu não recordo. Porém o nome importa pouco diante do estado do corpo. A menina de quatorze anos de idade era carregada arrastadamente até o sofá, onde se encolheu, como se chegada naquele momento ao mundo. Foi encontrada na rua, logo após ter recebido alta de uma internação em função de uma incipiente overdose. O excesso de medicamentos em seu sangue talvez fosse o motivo da postura acabrunhada e o olhar distante e lívido. Quando outra criança se aproximava, limitava-se a encolher os membros, como se contraísse todos os músculos em um espasmo, como um animal assustado. Os sons dos pés no assoalho povoado de gente, em meio aos gritos, choros e risos formava a paisagem sonora habitual. Uma educadora, ferida com a compulsiva imagem espasmódica, aproximou a palma da mão do ombro da menina e sentou silenciosamente ao seu lado. Com os olhos contornados pela face mais doce que já vi brotar de si, murmurou: Tu podes descansar aqui, ninguém irá te amarrar. O efeito das palavras e do terno toque da educadora não desfez o rosto contraído e triste da menina permeada de cicatrizes, mas pareceu penetrar em cada articulação de seu corpo, permitindo que a pele descansasse e ela pudesse enfim deitar e dormir. Talvez, naquela noite, tenha sonhado.

Um sonho. Corríamos sobre um campo deserto, com a exceção de que havia fuzis e fardas em nosso encalço. A planície pardacenta estava seca e o pavor se impregnava, como veneno, nas articulações. Era um sonho gregário, de bando. Corríamos em desespero, os fuzis apareciam e desapareciam, como ilusão da paisagem. O desespero que sentíamos era dolorosamente real. Quantos ficaram pelo caminho, prostrados em alguma poça de sangue do esquecimento? Sentimo-nos sobreviventes, mas quantos silêncios não haviam se assentado sobre nosso desterro? Ouvíamos os alaridos dos fuzis e os gritos daqueles que nos queriam mortos. Enquanto dormíamos, fustigaram nossos pés com bitucas de cigarro a fim de incinerar a última conexão com nossa terra: a sola dos pés. Nossa pele queima, nossas cicatrizes queimam. Logo, um muro gris deflagrado surge como proteção. Com a respiração entrecortada, rapidamente nos escondemos nele. De repente, um homem abre fogo. Acordo ofegante.

Manhã. A luz do sol rutila e penetra o quarto de beliches e berços, despertando os pequenos. Sara enxuga com as mãos os olhos enrugados de sono. Os primeiros traços manhosos de choro contornam seu rosto, acordando o corpo miúdo. *Pópópó...* fazem os pezinhos contra o chão... *Mamamã...* balbucia, sem receber resposta. São seis meses desde que sua avó a havia deixado na porta da casa de acolhimento, simplesmente, sem justificativas e identificação, como em uma roda de expostos. Seus dois anos de chegada ao mundo ainda entendem pouco de leis e jurisdições. Pisa com firmeza no assoalho movediço e o entorno - móveis, sons, luzes, rostos - está embaçado. É hora do café da manhã, no entanto Sara parece não pensar nisso, imóvel no centro da sala. Quando ameaçam escorrer-lhe as primeiras lágrimas brotadas, Eduarda, outra pequena, que havia lhe roubado uma boneca ainda ontem, aparenta perceber o iminente instante de sofrimento da amiga e intercede-o, com um abraço. Esse abraço desencadeia abraços de todos os presentes, um a um, e logo estão envolvendo uns aos outros e circulando, como se estivessem celebrando um momento muito triste, acontecido e ainda por vir, algo que todos compreendem e prescindem palavra. Em seguida, a menina sorri e, ali, naquele sorriso, em breve banhado de café com leite, um novo dia começa. Logo, um educador social abrirá a porta de casa, permitindo a profanação do pátio, que se encherá de ruídos, risos, gritos e brincadeiras.

Sentados, contávamos as folhas que caíam das árvores. Delicadas, elas dançavam sua queda, até repousarem ao lado da quadra de futebol. Uma, duas, três, olha ali outra!, dizia ele, com entusiasmo. Os galhos e as flores têm seu tempo até desprender-se da árvore, decomporem-se, tornarem-se outra coisa. Formam com a terra, ou na superfície em que descansam, outra composição. Ele ouvia e, o olhar zombeteiro, parecia conhecer uma conversa semelhante à minha tentativa de aproximação. *Tu tens tempo para me ouvir?* Ao perceber que sim, conduziu-me até um recanto do pátio. Os pés firmes e descalços mostravam destreza ao pisar. Ele reconhecia aquela rua do lado de dentro. Paramos aos pés da árvore que tinha suas folhas arrancadas pelo tempo e pelo vento e lá ele contou partes de sua história, imagens descontínuas, estilhaços de memória. Discussões, agressões e uma piscininha de mil litros em que gostava de se banhar com seus irmãos, que estavam em casa. Os estilhaços se misturavam e, no meio das insistentes brigas familiares, escorreu uma tímida lágrima no rosto do menino. Ele tinha nove anos, porém, quando não estava brincando, demonstrava sinais de maturidade. De repente, secou a lágrima e disse trinta e três dias! Ao perceber minha expressão desorientada, emendou: de abrigo, eu conto todos os dias para saber quanto tempo fiquei aqui. O menino permaneceu por mais quarenta dias, até partir.

No retorno à casa, interrompo o passo na Praça Garibaldi e descanso em um banco vazio. As árvores rumorejam e a estátua envelhecida e diáfana brande para o céu sua espada. Recordava-me dos vaivéns, do aparecer e desaparecer dos nomes das crianças. Em um quadro branco se escreve diariamente os nomes dos ingressos, assim como suas transferências de abrigo, experiências familiares e evasões - seus destinos. Uma superfície exaurida, como um palimpsesto que traça as rotas dos pequenos, mantém-se no corredor de entrada, registrando os nomes completos de cada criança recém-chegada para, em seguida, apagá-los, cedendo espaço aos outros passageiros em breve permanência.

Enquanto penso no velho quadro puído e olho a estátua corroída pelo tempo, poucos passantes atravessam a praça. Em meu pensamento, retorna a imagem de um menino que encontrei no fórum central. Lá, abracei-o sem o reconhecer. Seu rosto me era familiar, porém não conseguia evocar o nome. Ele perguntava do destino de outras crianças, as quais algumas eu recordava, outras apenas o nome, outras ainda inventava os traços enquanto o menino os descrevia. Quando cheguei ao abrigo, sequer pude encontrá-lo em meio aos arquivos. Olhava todos redigindo ao computador enquanto almoçavam ao lado dos prontuários. O som das teclas em profusão para cumprir seus prazos de entregas de relatórios era um emaranhado indiscernível. Senti um estremecimento e passei um longo tempo esforçando-me para recordar o menino. De algum modo, pensei que o nome começasse com “O” e iniciei uma busca pelos prontuários. Perguntei aos educadores e técnicos. Perguntei às crianças. Não obtive resposta. Guardo apenas alguns traços do rosto que as horas se ocuparão em deformar.

Levanto-me do banco e sigo o retorno para casa. Os passantes e seus rostos nebulosos, inquietantes, essa imagem do homem na multidão. Ainda outra imagem insiste em meu pensamento. Um menino, que vislumbrei entre as grades do portão antes de sair. Estava sentado na arquibancada em frente à pracinha. Espalhava areia com os dedos dos pés. Com o pescoço inclinado para o alto e sua atenção eclipsada no breu, parecia não perceber suas pernas pendulando e arrastando os grãos de areia para lá... para cá... Imerso em outro mundo, distraído, enquanto o vento se enrolava fino como um novelo invisível no pátio. De longe, viam-se suas cicatrizes. No calor das casas do horizonte, todos jantavam. Seu rosto diante do céu infinito apequenou-se e seus dois olhos comprimidos eram perscrutados pelos mil olhos suspensos em um tempo longínquo. Eu o olhava apontando para as estrelas e o cair da tarde, aos poucos, tornava imprecisos seus contornos. Pensava eu, do outro lado do pátio, se era aquele menino que eu via ou eco de outra criança.

Um velho pássaro fustiga com suas bicadas a janela da sala do assistente administrativo. Salta de um lado a outro, esgotado vê através do vidro, e não pode atravessar. As árvores do entorno, com seu ruído manso, por um momento são a imagem da quietude. Um velho pássaro procura desesperadamente atravessar, entrar nesta sala, mas é como se correntes invisíveis lhe ferissem o voo, lhe machucassem a visão. Repentinamente, piso nesta sala. Nas estantes das paredes do cubículo de registros, próximas ao teto, enfileiram-se caixas de prontuários, despachos, justificativas de acolhimento acumuladas em uma aresta exígua da sala. Entre os registros implexos, saltam os motivos de acolhimento previstos em lei: abandono de incapaz, situações em que crianças correm risco de vida são as violações de direitos sobre os papéis empilhados. No chão, uma das caixas está aberta e vazia, alguns papéis restam espalhados na mesa do assistente. No instante de minha entrada, ele amassa com as mãos um desenho infantil que traça uma paisagem bucólica permeada de azul, uma casa verde ensolarada e uma tímida revoada excedendo as delimitações da folha. Nos olhos do assistente uma lágrima cinza. Antes de qualquer gesto meu, ele balbucia, como se inquirisse a sala, o espaço: ‘Não sei, de repente nada disso faz sentido’. Em seu rosto era possível enxergar as marcas que os anos de trabalho dedicados ao acolhimento lhe traçaram. Ele olha com carinho os papéis impressos, mas, desolado, diz: ‘Não recordo quem fez esse desenho’. Sua lágrima cinza escorre pela folha e borra parte da tinta formando um pequeno curso de rio, que deságua sem rumo no chão da casa. Com os olhos brumosos, ele ri, enquanto amassa outros papéis, retomando seu trabalho.

Embora brumoso, consigo definir alguns contornos. São ainda partes rarefeitas e recorde, em águas calmas, estilhaços de espelho. Ouço pássaros sabiás laranjeira delineando no vento suas vibrações e frequências. Ouço latidos distantes. Ouço o ranger da ferrugem do balanço, a chuva espetando o telhado e o mundo grande, que não posso vislumbrar, assemelhando-se à clausura. Ouço meus próprios espaços e ruídos neste quarto de camas vazias, onde em breve descansará algum viajante, arrancando-me a solidão e partilhando a tristeza. Silêncio para mim é partir. À presença daquele que se aproxima levo apenas um pressentimento, a esta hora da manhã, como ave de rapina, sem saber suas intenções, se boas ou más, mas apenas, e ao menos isso nesta teia de tensões, consigo definir alguns contornos, como costura do vento.

Ao fundo, escuto com o vento - que em verdade é de lugar nenhum - a voz de uma criança, avisando: nada nesses fragmentos é esta casa em que caminhas, em seu movimento fora do teu olhar e da tua escuta, do teu toque e do teu olfato, mas sim um vitral de pensamentos marcados, inscritos aos pedaços. Um vinco a partir do qual, distraidamente, enuncias: 'Eu'.

Naquele início de tarde, a chuva cercava a casa em grades frias. Era polícia. Uma pequena mão trêmula de menino arrastava uma mochila de rodinhas sobre as pedras, seus passos inundados em direção ao corredor de entrada. O semblante e os contornos do rosto da pequena aparição vacilavam ao ponto de se dizer que a mochila carregava o menino, como um amigo cansado de longa viagem. Com um peso nas mãos e no coração, Ismael demorou em meio à chuva as dores do retorno. Era dia da festa de aniversariantes do mês e sua passagem, conduzida por uma mão no ombro, adulta e desconhecida, não foi celebrada. Não houve cortejo ou comemoração, tampouco havia motivos para isto. Em que pese à realidade, era apenas parte do cotidiano. Um dia triste, em que um homem branco deixou um menino negro sozinho para reencontrar a casa que um dia lhe cuidou e o recebia novamente. Separado de seus irmãos e de todo o fora que envolve a vida, o menino seguiu seu caminho quase solitário. O rosto não encontrava reflexo nos sorrisos em volta. Quando um abraço fugaz lhe encontrou, dizendo que entendia seu dia de tristeza, pôde enfim chorar como o céu.

'Cabeça de ovo! É, tu mesmo, pamonha!' Grita o menino João a espera de um olhar endereçado para que possa correr, em fuga e às gargalhadas, como se houvesse realizado a maior das travessuras. O menino corre agachado e mancando, como se desbravasse um terreno lodoso e intrincado. Ele atravessa enfermidades, penso. João havia chegado com seus cinco irmãos de uma região insular, cujo nome evoca qualquer história infantil: Ilha dos Marinheiros. Vez ou outra via-se conduzindo a tripulação: Vamos, marujos! Se segurem nos mastros, não abandonem o navio! O mar está furioso, mas vamos sobreviver! E os cinco cambaleavam à margem da arquibancada da quadra de futebol, tentando manter o barco imaginado nos eixos. Nas brincadeiras, João possuía predileção pelos dargorões, como chamava aos dinossauros que brilham no escuro. O rosto e os gestos de João eram das crianças vivazes, que atraem a atenção dos adultos por suas constantes inquietações. Costuma proferir palavrões aos quatro ventos, arranjando com isso brigas no abrigo e os olhares de todos. Em casa, a fratura em sua perna foi o estopim para que os irmãos abandonassem a Ilha e vislumbassem mares calmos e terras firmes. João dificilmente demonstrava fragilidade e passava o dia inteiro com os dargorões por perto, nas mãos ou nos bolsos. Um dia, brincamos de esconde-esconde. Entre a contagem e os gritos que acompanham as perseguições reparei que estava sem seus dargorões. Entre risos e passos sorrateiros, escondeu-se no quarto dos meninos que, à luz do dia, permanece imerso no breu. Após alguns minutos, uma mão desavisada fecha levemente a porta do quarto. É quando irrompe o grito. Quando a porta se abre, vejo desenhado em seus olhos um abismo muito maior que a estatura e a solidão do quarto de camas vazias. E há, nas fendas da imagem, um grito infinito, que ainda consigo ouvir. Quando a porta se abre, João se agarra ao primeiro corpo diante de seus olhos e se mostra então, revoltado e colérico, como o mar que os marujos enfrentavam.

No retorno à casa, olho brevemente os desvãos da rua em que atravesso: há pássaros refletidos em poças d'água, em lugares ocultos. A imagem nebulosa da revoada se desfaz com os pássaros. Inclino o rosto novamente e encontro a porta de uma casa qualquer: suas fendas dão a ver o lado de dentro. Há riscos de giz de cera no reboco acinzentado, aquarelando as paredes ressequidas, descascando. A casa troca de pele, descama. Uma casa construída de escombros. Escombros do vazio do olhar dos passantes. Escombros dos rastros dos passageiros e da memória da poeira, das paredes e dos espaços remanescentes, ainda habitantes. As bifurcações das linhas da cidade de Porto Alegre parecem se encontrar nesta casa vazia em aparência, neste ponto, ao menos enquanto nascente, quando ainda é infância. Uma intensificação de desejos, de angústias, de ânsias se mostra na forma dos encontros e revela bifurcações não apenas de linhas, mas de veredas, de ruas cobertas de asfalto velho e chão batido, de loteamentos, de becos e buracos. Lanço o olhar novamente para a casa e percebo que, em seu reboco descuidado, em suas janelas desditas, vejo a casa de acolhimento. Vejo de algum modo as infâncias e as estâncias da cidade se encontrando neste lugar e carregando consigo seus olhos marejados e traços de tristeza.

Um remanso acompanha o dia e permanece recôndito *nas fendas das falas*. As brincadeiras movimentam-se através dos sons de passos curtos e ligeiros. A energia das crianças parece inexaurível, e mesmo assim revela-se a quietude no esgotamento encerrado nas primeiras horas da noite. Torna-se possível, através do dia extenuado, vislumbrar as primeiras estrelas sobre as grades e as árvores, além de ver os pequenos pontos de luz no horizonte, fulgurando a vida nas casas e nos carros imersos no constante movimento das esquinas. É a hora em que as brincadeiras silenciam. Nestes dias, sentávamos, Silente e eu, para conversar antes da hora de jantar. Diziam os educadores que ela se tornava mais vivaz, deixando o quarto e conversando com as outras crianças pequenas. Lágrimas pareciam rondar o seu rosto, enquanto, cabisbaixa, desenhava círculos com os pés no chão. Murmurando, contou-me: ... Isso que ele me fez... Acho que as crianças que passam por aqui viveram coisas muito ruins, sabe, que nenhuma outra criança viveu ou precisaria viver... Às vezes eu sinto um aperto no coração e é como se ele fosse explodir... Fico pensando se um dia vai deixar de doer e de apertar... Eu chorei muito escondida e não sei se existem mais lágrimas no meu corpo.

Adeus. Estou triste. O Guga se despediu de todos hoje e vai embora. Ontem, eu o ajudei a retirar as roupas da caixa e guardar na mochila. Dobramos as roupas, uma a uma, e enrolamos as camisetas e as calças, como um rocambole, para aproveitar melhor o espaço da mochila. Arrumamos todas as coisinhas com carinho, para ele ir embora com tudo certo. Nosso quarto estava frio e os outros meninos jantavam nessa hora. Tinha barulho do lado de fora. As camas do quarto estavam vazias mas arrumadinhas (menos a do Gabriel, é claro). O Gustavo e eu arrumamos tudo, tudo, e percebemos que ele estava aqui há muito tempo, há mais tempo que os outros meninos e as outras meninas, há mais tempo que os educadores, enfermeiros e outros trabalhadores. Eu não entendo por que isso acontece, a partida. Ele estava aqui até ontem e agora precisa ir embora. Estou muito triste. Quero pegar minha mochila e ir embora também, para minha casa, mas não a casa em que eu morava com minha mãe e irmã. Quero outra casa, mas esqueço e fico triste de novo cada vez que alguém vai embora. Não sei se é pela despedida ou porque o abandono de cada um me fere e me diz que fico. Assisto sempre a todos indo para suas casas, olhando-me da janela, da fresta da porta. Mas é quando o olhar some no horizonte que há lugar para uma paisagem ausente. O quarto, o vento, o pátio, o pôr do sol. Todos ausentes. Meu pai e minha mãe também, talvez outros pássaros. Até mesmo o rio brincando com as nuvens. Ninguém os vê, quando não há gente. Eu apenas penso isso por que os espero, a todos, mudando-me, arrumando as malas, a mochila. Valises e recordações, apenas. Minha mãe, o hospital, a loucura e o medo de não encontrar ninguém mais, nunca. Eu vou sentir saudade do Guga, sabe, ele é meu irmão como a minha irmã que está lá em casa me esperando. É meu irmão porque teve o coração dilacerado ainda muito pequeno e, agora, com poucos retalhos, está aprendendo a cerzir. É meu irmão como muita gente aqui.

Os espíritos livres são pássaros solitários. Alçam voos proscritos do bando, não carregam consigo o peso das valises e o fardo de seus fados, mas o bálsamo da tempestade. Lançam um canto no céu, um silvo na busca de seu próprio eco e, na companhia de sua própria sombra, abraçam as contradições de suas vivências, o absurdo das repetições e o lamento de cada melodia. No acolhimento do próprio destino, reconhecem-se como parte do movimento necessário do mundo. Quando em algum regaço ou remanso repousa a mão do ressentimento, seu afago não derruba - não o abate. Assim, em cada bater de asas, esses pássaros tornam o olhar para trás, perscrutando o passado, mas, mergulhados no perene movimento de tudo, esquecem, tornando-se também passageiros.

As chaves. A juíza olhava a todos e todas com nobre candura. Alinhavam-se, na sala de audiências, um técnico social e um conselheiro incômodos com o assento minúsculo e opaco. No assento do defensor público, uma senhora agarrada em sua bolsa, com o olhar, parece, em outro espaço. No assento da promotora, um espaço vago e sobre sua mesa um notebook aberto. ‘Pois bem, o que me contam desta jovem?’ Inquire gentilmente a juíza, indicando um relatório. Alguns degraus abaixo, mirando a nobre figura, o técnico social relata enquanto se espreme na cadeira. ‘Esta jovem está aqui porque teve a casa incendiada pelo companheiro da mãe. Seus familiares dizem que, após o incidente, sua mãe encontra-se em internação psiquiátrica. Os familiares dizem que enlouqueceu. Quando se menciona o nome de Maria para seus tios e tias, limitam-se a dizer: ‘Não sei... Tudo anda muito difícil, sabe?’’. Depois de algumas conversas, notou-se que os familiares não têm condições de se responsabilizar pelos cuidados de Maria neste momento. Após o incêndio, Maria restou sem casa, sem roupas, sem mãe e quase sem voz, visto que fala muito pouco. Neste dia, traz consigo apenas a roupa do corpo e uns chinelinhos velhos, que ganhou no abrigo’ Após o breve relato, a juíza tornou-se soturna. Talvez borbulhasse em sua cabeça as chamas e as paredes incineradas. Um breve silêncio se fez presente, mostrando o som impaciente das chaves do fórum no bolso dos guardas. Maria aguardava no corredor do fórum junto de um amigo, um estagiário qualquer. Às 19hs, o local se encontra vazio, prestes a fechar suas portas. Neste ínterim, a promotora pública passa caminhando atrás das imponentes poltronas judiciárias, discutindo ao celular um assunto diverso. Ouve-se seus passos e o conselheiro remoer as folhas do expediente com as mãos. Em seu olhar, parece lamentar não ter visto as mazelas que a família enfrentava. A juíza, vacilante, está prestes a consumir seu veredito.

4. Um começo

Durante o período em que estive como estagiário na Casa de Acolhimento Sabiá 07, poucas vezes senti-me à companhia da escrita. Acompanhava-me a sensação de não haver repouso, de não encontrar remanso, em parte alguma. As experiências, no espaço de acolhimento, manifestavam-se, porém em seguida evanesciam. A expressão através da escrita ou seu simples registro cotidiano era possível apenas penosamente. Quando sentia o silêncio que move ao escrever ou a necessidade de dissipar uma imagem, encontrava apenas o assombro da página em branco, o lápis imóvel, o sumidouro das palavras. Os pensamentos mostravam resistência e eu sentia os entraves do caderno.

Com o tempo, a experiência foi solicitando expressão, ainda que com uma execução simplória, na circunscrição de minhas limitações. Uma canção sobre estar em convivência com as crianças, sugerida por minha supervisora, tornou-se acontecimento. Mais tarde, surgiu o nome da canção, sugerido por uma das crianças. '*Canto Escuro*', comentou ela, referindo à canção inominada, antes de se despedir e depois de pedir a canção de presente. Conforme o tempo foi avançando, as vivências acumuladas se misturavam, assim como as crianças e seus nomes, assim como suas vivências em mim. As despedidas, os encontros, os traços das faces, os desenhos das brincadeiras eram como uma raiz intrincada, indiscernível nas ramificações. Entretanto, após a composição da canção e de um dos fragmentos presentes neste trabalho, foi se formando um exercício, um mapa no qual eu poderia desenlear nós, descobrir e encobrir traçados. Lembranças, questões, intuições e sensações manifestavam-se através de uma escrita recortada e imprecisa. E, contudo, é através dessa imprecisão que tenho descortinado os sentidos de uma experiência, cerzindo palavras inacabadas e pensamentos fugidios.

O acolhimento infantil de emergência destina-se às situações em que a necessidade de moradia torna-se premente. Em um abrigo como o Sabiá, que procuro designar nestes fragmentos como 'casa de acolhimento' ou simplesmente como 'casa', a infância e a passagem são matérias que se entrecruzam e se diluem uma na outra. A infância da qual intento escrever, porém, carrega consigo muitas vezes marcas de violência, injustiça e abandono. A passagem, devido à emergência, compõe-se no encontro dessas marcas. A escritura destas curtas passagens de acolhimento emergencial, portanto, mira, talvez de maneira pretensiosa, capturar uma transição, dizer dentro de suas limitações o que

dolorosamente assola o corpo dos pequenos e de qualquer passante desavisado neste espaço de ruptura e enlace. Essa intenção fez-se nestas pobres palavras fragmentadas e se confundem com quem as escreve: a dor do outro também atravessa o corpo de quem busca tocá-la.

Quando me encontrei às voltas com a canção, havia passado a madrugada circundando a primeira estrofe. Perdido em uma península, procurava palavras, melodias que se adequassem a um esboço harmônico. Entre as passagens dos acordes menores para os maiores, e assim seu retorno em círculo, procurava, ao violão, uma nuance para enunciar uma pergunta simples, formulada nos primeiros versos. A pergunta procurava entender qual o tempo de duração da angústia, esse estranho afeto que parece acompanhar o acolhimento. Refiro-me assim porque este afeto de fato me acompanhava nos dias de acolhimento e se mostrava ao longo das noites insones, aproximando-se desta palavra, angústia, e revelando sua constelação. Eu sentia a abertura para considerá-lo em meus dizeres.

Assim, após o amanhecer, segui novamente em direção à casa, a fim de retornar às brincadeiras com as crianças e à escuta de seus trajetos em composição com os meus. Andei ao redor do pátio, pisei em sua terra, seu asfalto, seu concreto. Pensei no tempo transcorrendo através das árvores, através de suas membranas, através de minha pele e dos movimentos das crianças, fazendo envelhecer e metamorfosear cada um dos que compartilham seu mistério. Pensei no menino contador dos dias de acolhimento. Pensei na menina que sofria o arbítrio da separação. Pensei que somos estrangeiros diante do tempo, mas ainda sim compartilhamos seu segredo diante das coisas. Pensei em um verso lido de passagem: *El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me arrebató, pero yo soy el río.* Cheguei-me ao violão, solitário morador da casa, e arrisquei os versos:

“Estrangeiro

O tempo velho, devagar

Faz arder o mundo inteiro

Chora as mágoas que não sei chorar

Estrangeiro

No silêncio, eu conto os dias

No relógio, o ponteiro

Que não salta essa agonia”

Na casa de acolhimento, na medida em que se compunha em mim, posso dizer, pude colher sentido à canção em sua presença e seu abrigo.

Mostrá-la às crianças aconteceu no pátio da casa, através de uma curiosidade em se, entre as canções que cantávamos juntos, não haveria uma canção minha. Com o vento em correnteza, senti um frêmito e uma hesitação ao mostrar algo que, apesar de haver musicado e escrito, sentia como pouco meu. Após dividir a canção, foi com surpresa que percebi os rostos, durante a escuta, mostrando um afeto como o que eu sentia ao estar em contato com a música. Foi um momento apenas, fugaz, mas que perdura comigo, em cada olhar recordado. Depois de mostrá-la, a canção foi apelidada por uma das crianças de “a canção do tempo”. Nome bonito, também, para uma canção em uma casa de passageiros.

5. Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **A Escuta**. In: O óbvio e o obtuso (Coleção Signos) Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. In: Obras escolhidas. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2010, v.2.

BERGSON, Henri. Introdução à metafísica. In: O pensamento e o movente. Ed. Martins Fontes.

CÂNDIDO, A. **Mundo Desfeito e Refeito**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 22, 2012. DOI: 10.20396/cel.v220.8636894. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636894> . Acesso em: 8 out. 2021.

CORTÁZAR, J. **A Casa Tomada**. In: Bestiário. 2ª ed. Trad. De Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Editora Civilização e Cultura, 1971

_____. **Rayuela** [1963]. Edición Crítica André Amorós. Madrid: Cátedra, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.4. São Paul: Editora 34, 1997.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

IVANYI, M. **Vento**. Duração: 6 min. Disponível em: <https://mubi.com/pt>.

SAER, J. **El concepto de ficción**. In: El concepto de ficción (1997). Buenos Aires: Seix Barral, 2004.